

Comuni dades e famílias multi espécies:



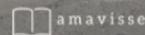
APORTES À SAÚDE ÚNICA EM PERIFERIAS



Instituto de
Estudos Avançados da
Universidade de
São Paulo



SUP
Saúde Unica
em Periferias



Oswaldo Santos Baquero e Érica Peçanha (Organizadores)

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias

DOI USP 10.11606/9786588152218



**Oswaldo Santos Baquero
Érica Peçanha
(organizadores)**

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias

Ficha técnica Editora Amavisse

Conselho Científico

Ana Maria Haddad Baptista (PUC/SP)
Cecília Pescatore Alves (PUC/SP)
Érica Peçanha do Nascimento (USP)
Geruza Zelnys de Almeida (UNIFESP)
Lidiane dos Anjos (PUC/SP)
Lilian Amadei Sais (USP)
Marina Silva Ruivo (USP)
Paula Chagas Autran Ribeiro (USP)
Pricila Gunutzmann (PUC/SP)
Sonia Regina Albano de Lima (PUC/SP)
Solange Aparecida Emílio (USP)
Vânia Warwar Archanjo Moreira (Mackenzie -SP)
Vanilda Aparecida dos Santos (PUC/SP)

Editora

Pricila Gunutzmann

Revisora

Maíra Vale

Fotografia de capa

Oswaldo Santos Baquero

Capa, projeto gráfico e diagramação

Henrique Lourenço
@henriqueloren

Copyright © 2021 by Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias, 2021.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citadas a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Fabio Osmar de Oliveira Maciel – CRB-7 6284

C741

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única nas Periferias /
Oswaldo Santos Baquero, Érica Peçanha (organizadores). – 1. ed. – São
Paulo : Editora Amavisse, 2021.

1700 Kb. ; PDF. – (Coleção Democracia, Artes e Saberes
Plurais - IEA/USP).

ISBN 978-65-88152-21-8

DOI USP 10.11606/9786588152218

1. Ciências Sociais. 2. Humanidades. 3. Estudos multiespécies. 4. Saúde. 5.
Periferias - São Paulo (SP). 6. Universidade de São Paulo. I. Peçanha, Érica. II.
Título. III. Série.

322-235-21

CDD : 300

Editora Amavisse – Selo de Livros

Acadêmicos da Editora Patuá.

Rua Luís Murat, 40 – Pinheiros

São Paulo – SP – CEP: 05436-050

www.editorapatua.com.br

Cel.: (11) 98365-4985

editoraamavisse@gmail.com

Viagens rotineiras

Adna Ribeiro Cavalcante Costa

Parque São Rafael, zona leste de São Paulo

5h

Despertador tocando

Aaah, nãaaao! Mas já? Não tenho nem cinco minutos para ativar a opção soneca. Lá vamos nós novamente pra mais um dia! Como conseguimos levantar, depois de ter um dia maçante, para mais um dia maçante? Não existe outra opção, mas me surpreende como nossos corpos conseguem se manter com tantas adversidades e por tanto tempo. Mas será que consegue mesmo? Porque mesmo sem conseguir, temos que estar “lá”, de pé, pontuais e ainda minimamente bem e dispostos. Isso porque sou uma mera estudante e não estou saindo de casa para vender a minha força de trabalho, o que envolveria milhões de outras questões.

Saio de casa correndo e sem tomar café, meu tempo está realmente apertado e isso é mais comum do que gostaria. Não me recordo quando consegui sentar para comer a “refeição mais importante do dia” tranquila. Sempre estou saindo afobada, ora mastigando um pão de ontem, que passei na frigideira, ora só indo, com a consciência de que irei comer apenas no almoço. Já começamos com o pé esquerdo, a sorte é se tivermos uma boa noite de sono. É sair de casa sabendo que voltará só a noite, é não ver o seu lar à luz do dia.

Parece que boa parte da minha vida foi vivida dentro do transporte público. Não é difícil de imaginar o porquê. Onde moro o acesso à mobilidade urbana é difícil. Demoro um pouco mais de três horas para chegar na faculdade, totalizando seis horas por dia apenas me deslocando. Tenho um amigo que mora no bairro mais extremo da zona leste, no entanto o acesso ao transporte público é mais eficiente, ele faz o mesmo trajeto na metade do tempo. Os setores responsáveis pela mobilidade urbana parecem não entender como funciona esse deslocamento na prática. A partir da semana que vem, a linha de ônibus que atende a minha região não passará pelo metrô mais próximo – que fica a 1:30h da minha casa –, nos obrigando a fazer mais uma baldeação.

Ainda tá escuro, o sol não nasceu, mas a fila no ponto final/inicial do ônibus segue grande, dá voltas. Os rostos são conhecidos, são os mesmos de todos os dias. Muitos conhecemos até pelo nome, não por intimidade, mas porque moramos no bairro há tanto tempo que é inevitável não nos reconhecermos. Sou a neta da Dona Tereza e do Seu Zé. Filha da Cristina, sobrinha do César, o pintor, e do Zeca, o porteiro da igreja. Conversando, na fila do ponto de ônibus, com uma passageira, descobri que somos parentes. Minha família está aqui no bairro há 55 anos, brinco que farei parte desse centenário – pra ser sincera, acredito de verdade nisso.

No ônibus, não passo a catraca. Não quero correr o risco de perder a integração, muitos fazem o mesmo que eu.

Sobe mais um, outro, e mais outro... Quando parece não caber mais ninguém, damos mais uma apertada, sempre cabe mais um, tem que caber. Praticamente um coração de mãe, só que enlatado e sem afetos. O cobrador e o motorista, que são conhecidos nossos, entram e dão a partida.

Quanto mais me afasto da periferia e me próximo do meu destino, menos animais avisto nas ruas. Sempre que estou na fila do ônibus, observo o Bidu e o Bob. Eles são dois cachorros simpáticos que moram ali, mas que são cuidados pela vizinhança. Sempre estão com a comida e água em dia, possuem casinhas individuais e até uma cobertinha. Estar na fila do ônibus é saber que eles vão se aproximar com seus rabinhos frenéticos para receber afago e carinho. Também recebem mimos durante o dia, Seu Ivair, dono do açougue, sempre leva aqueles ossos gigantes pra eles se deleitarem. Todos sabem quem eles são e eles sabem que sempre estamos por ali. Claro que eles sofrem morando na rua, mas em comparação com outros cães de rua – ou com cães que moram em domicílios, mas sofrem maus tratos – eles estão bem. Nossas relações com animais sempre me chamaram a atenção.

Antigamente víamos muitos animais, que iam desde cachorros, gatos, galinhas e até jumentos. A primeira vez que vi um pavão, sem ser pela televisão, não foi no zoológico. Minha mãe e meus tios têm diversas histórias com os animais que meu avô já criou em nosso quintal. “A pata do Tio Júlio morreu de morte natural porque nos apegamos demais

para comer”, além de serem comuns as “granjas locais” onde comprávamos frangos recém abatidos.

Hoje o cenário é outro, mas o número de cachorros pelas ruas continua o mesmo. Ainda que alguns sejam cuidados, como o Bidu e o Bob, essa não é a regra. É muito comum ver animais que possuem dono passarem períodos do dia nas ruas ou vivendo em espaços extremamente limitados. Quanto aos gatos, ainda se carrega a crença de que são independentes e por isso não necessitam de tantos cuidados.

Percebo que hoje as pessoas com as quais convivo, que vivem realidades adversas, estão cada vez mais apegadas aos seus animais. Eles são parte da família, e chegam a ter certos privilégios, porém não estão no mesmo patamar que uma criança, por exemplo. É muito difícil de ver a dita “humanização” dos bichos, porque no final das contas eles ainda são vistos como bichos. A pata do Tio Júlio pode ter se livrado do abate, o carinho por ela era real, mas se fosse necessário, com dor no coração, ela teria este fim. Cresci com a mentalidade de que os animais não devem ser criados dentro de casa, o sentimento de afeto existe, mas ele se mantém da porta pra fora. Cachorro em cima da cama? Jamaaais! Água e comida já são suficientes, o que contradiz tudo aquilo que aprendo na faculdade de Medicina Veterinária para onde estou me dirigindo agora.

Tenho que ter em mente que isso é mais do que um fator individual, pessoal. Quando o nosso meio não questiona

e banaliza determinadas ações, ele reforça que não há nada de errado nessas relações. É muito difícil convencer alguém de levar seu animal ao veterinário se seu vizinho diz que deu um remedinho quando o dele ficou doente e ele logo ficou curado. E não há como dizer que esses animais não possuem grande valor emocional para essas famílias, pois eles possuem e muito. Os fatores sociais, econômicos e culturais irão determinar os privilégios que esse animal terá, mesmo os que ditamos, na academia, serem requisitos básicos.

No final da minha rua há uma divisão, de um lado a favela do Jardim Vera Cruz e no sentido oposto, na rua de baixo de casa, temos o caminho de um rio. Em todas as minhas lembranças, ele sempre foi poluído e para atravessá-lo temos que passar por uma ponteinha bem instável, cuja manutenção é feita pelos moradores mesmo. Lá encontramos de tudo, desde lixo doméstico até lixos volumosos, como colchão, sofá e madeiras. O caminhão coletor passa na minha rua, mas não consegue adentrar na comunidade logo abaixo, as ruas são muito estreitas, então temos muito problemas envolvendo dejetos. A presença de alguns *containers* para descarte não é suficiente. Ainda hoje, acontece constantemente a queima de lixo pelos moradores. Como está tudo interligado, isso reflete na nossa saúde, no ambiente e nos animais, que muitas vezes rasgam os sacos atrás de alimento. Sem contar a presença dos ratos, baratas e outros animais sinantrópicos...

Apesar desses fatores, é inegável que cresci com o hábito da reciclagem. A Aninha, moradora da minha rua, trabalha como catadora. A mulher conhece todo mundo. Toda semana recolhe os recicláveis. Há quem diga que a reciclagem é coisa de rico, mas conheço inúmeras pessoas que tem coleta seletiva em seus condomínios e nunca se deram o trabalho de separar o lixo. Separamos, inclusive, o óleo de cozinha usado para que nossa vizinha faça sabão...

Chegamos no metrô! É aqui que me separo das pessoas do meu bairro. Com certeza é a pior parte do trajeto inteiro! Quem mora na zona leste e precisa pegar a linha vermelha no horário de pico sabe muito bem do que eu tô falando. Se acontece um aperto no ônibus, no metrô somos embalados a vácuo. Não tem pra onde ir, não há uma janelinha que salve, é claustrofóbico. O metrô é cruel e aqui os rostos já não são mais conhecidos.

Demoro cerca de 30 minutos para conseguir entrar num vagão, preciso prestar atenção no vão entre o trem e a plataforma. Ao entrar, tenho que tomar cuidado pra não cair nas pessoas, tomar cuidado com as minhas coisas, tomar cuidado pra não ser abusada... Tomar cuidados! É aqui que as pessoas são grossas, invasivas, que a maioria das brigas acontecem, que a senhorinha é xingada, que ocorrem empurrões que machucam... O metrô no horário de pico não é brincadeira!

Cada vez que nos colocamos nessa situação, sinto

como se uma parte da nossa humanidade fosse perdida. Parece que viramos números, uma carga, uma coisa não dotada de sentimentos. O sistema nos desumaniza ao ponto que nós nos desumanizamos também. É o momento que deixamos de ser pessoas e entramos no modo automático. Não é de se surpreender que a frase clássica “Não está levando gado não, viu?!” sempre é proferida após uma brecada forte. A comparação é fácil porque sabemos que existe transporte de animais vivos em situações deploráveis, envolvendo longos trajetos, superlotação...

Engraçado que esse pensamento pode ser intimamente relacionado aos animais de produção, principalmente quando conseguimos nos enxergar como parte dessa cadeia. Na vida exercemos vários papéis de grande importância, como nas relações interpessoais, sociais e familiares, nas quais criamos fortes laços. Porém somos colocados num contexto em que somos influenciados a produzir independente das condições em que estamos inseridos e, aqui, essas relações pouco importam. Elas são enfraquecidas pelo sistema, seja no trajeto e/ou trabalho exaustivo que afeta nossas capacidades físicas, psicológicas e emocionais, seja negando o sofrimento dos animais decorrente da exploração na cadeia produtiva. No final das contas, estamos no caminho certo se a produção não for afetada negativamente.

Nesse sistema nos imagino como um grande código de barras, onde não há camaradagem o suficiente capaz

de não nos substituir quando os nossos corpos começam a falhar e não atender as demandas. Afinal, o objetivo é produzir mais com o menor gasto possível. No micro, na perspectiva do indivíduo, esse corpo faz parte de algo, tem família, amigos, filhos... mantém relações. Essas dores, no macro, pouco importam, a roda tem que continuar girando sem grandes problemas. Pelo menos temos a liberdade de escolha! É o que dizem. Mas será que temos mesmo? Digo e repito, como conseguimos levantar, depois de ter um dia maçante, para mais um dia maçante? E por que nos colocamos em situações que nos violam como indivíduos? Temos escolhas mesmo?

A bandeirinha de bife no refrigerador do mercado somos nós, todos os códigos de barras que estão nesse mercado só estão aqui porque passaram por mãos como as nossas, inclusive os produtos dos quais não temos acesso em nossas casas. E quem se beneficia com tudo isso anda engravatado, cheio de privilégios e, com certeza, vive uma realidade muito distante da minha e dos meus.

Entre as estações Brás, Pedro II e Sé sempre tenho um momento no qual me desligo da realidade para admirar a minha paisagem favorita do centro de São Paulo. Ela consiste na presença dos trilhos, do sol que está nascendo tímido atrás de uns prédios clássicos e de muito movimento, que vai desde o meu, dentro desse vagão, até o da cidade que não parou em nenhum segundo. Olho para esses pré-

dios e vejo as mãos grossas e calejadas dos meus que ergueram essa cidade e que, até hoje, a sustentam. A arte sempre tenta resistir, então é de se esperar que o *hip hop*, o funk, as danças urbanas, os *graffitis*, entre um milhão de outras manifestações artísticas, nasceram nas periferias. Conheço o centro de cabo a rabo, porque fiz questão e pude estar presente nesses ambientes que muitas vezes negam a nossa presença. Tinha dias que se perdesse cinco centavos eu não pegava o ônibus, mas estava lá. Olho para os prédios e vejo os pitches gritando, grandes, em letras garrafais, querendo ser vistos, querendo ser ouvidos. Deve ser por isso que gosto tanto dessa visão, porque nos vejo resistindo em meio à selva de pedra. Deve ser por isso, também, que a elite banaliza as nossas artes. Amo e sou apegada a muitas artes que vejo durante o meu trajeto.

Aaaaaah! Hahaha... Rio mentalmente, é irônico demais estar no meio desse caos pensando sobre essas questões, e no meu fone de ouvido começar aleatoriamente uma música da Elza Soares na qual ela canta que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Ô vida! Vozes potentes que gritam que não é à toa que, apesar de nós negros sermos a maioria no Brasil, também somos a maioria nas periferias, no sistema carcerário. Quase nunca dentro das universidades ou liderando cargos de poder, ainda mais se você for mulher. E não estar nesses lugares faz com que nossas demandas sejam cada vez mais negligenciadas. Te-

mos feridas e cicatrizes que ninguém deveria carregar e que não deveriam nos definir. Sempre nos colocaram à margem e nessa posição na qual temos que aturar tudo, ser fortes, inabaláveis... O que não deixa de ser um outro processo de dominação, onde até o ato de sentir nos é negado, onde nossas narrativas não são ouvidas ou, até mesmo, tratando nossa história como se ela fosse só dor. As estruturas racistas e machistas que dão vida a esse sistema sabem que é um privilégio meu, vindo de onde vim e com a minha história, ter esse tipo de pensamento.

A resistência me dá certa segurança e é essa segurança que me faz acreditar em mim. A questão não é me sentir segura, a questão é que preciso viver. Somente o fato de estar viva já me coloca em riscos, então que ao menos eu tente andar por aí sem medo. Não me isento de sentir, sinto demais, mas é o mecanismo de sobrevivência que aprendi desde muito cedo, sem ele não boto a minha cara no mundo.

Cheguei no meu destino final, a Universidade de São Paulo. Como sempre estourando o tempo. São 8h da manhã, mas já passei por tantas coisas que estou exausta, o dia é longo e a volta tão exaustiva quanto. Coloco meus pés aqui e já não tenho o sentimento de pertencimento. Esse lugar parece tão distante de mim, que mesmo se morasse a dez minutos eu ainda não estaria tão perto assim. Há inúmeras barreiras dizendo que esse não é o meu lugar, tive que ultrapassar muitas delas só para estar aqui e outras tantas

para permanecer. É um choque de realidade muito grande, é você andar nos corredores e não se ver nos alunos, nos professores e nem na profissão. E pra variar um pouco, as pessoas que mais se parecem contigo não estão sentadas ao meu lado na sala de aula, elas estão a trabalho. Trabalhando muito pra ganhar muito pouco. O abismo é tão grande que só fui à feira do bairro com a camiseta da universidade uma única vez. A universidade pública, principalmente a USP, está tão distante da nossa realidade que não nos enxergamos lá, estar com a camiseta desse lugar que representa a elite me colocou automaticamente do outro lado.

Somos dita a melhor faculdade de Medicina Veterinária da América Latina, mas pergunto: pra onde vai todo esse conhecimento? Por que que ele não nos acessa? Os olhos nunca estão voltados pra gente e para as nossas demandas, o nosso diálogo nunca é de igual pra igual, não somos ouvidos. Tenho a sensação de que nem em épocas de eleição ganhamos essa atenção, é como se as políticas públicas simplesmente não nos abordassem ou não chegassem até nós. Não me surpreende, inclusive justifica, em partes, a força que as igrejas evangélicas possuem nas comunidades. Elas fazem o papel do Estado e nos dão uma segurança bem mais efetiva que o próprio Estado que finge que nós não existimos. E é assim que a gente vai aprendendo a sobreviver. É muito difícil receber na cara e ser violado o dia inteiro e não se endurecer com a vida, é uma luta constante para

não perder a sensibilidade com o mundo, é uma luta constante para nos manter sãos. E nem sempre conseguimos.

É por essas e outras que sempre tento me manter com os pés no chão e isso me fez buscar alternativas dentro da Universidade, que me tirassem da visão elitizada da Medicina Veterinária. E foi assim que, desde o início, faço questão de participar de projetos de extensão a fim de levar aquilo que aprendo em aula para uma realidade que se parece com a minha, na qual possa me expressar e ser ouvida, como pessoa e como futura profissional, sem deixar de ouvir e aprender. Nessas, conheci a SUP (Saúde Única em Periferias), uma rede de pessoas, projetos e instituições que visa promover, através da educação, diálogo e outras ações, a saúde de coletivos multiespécies e do ambiente do qual fazem parte. Nossa trabalho era focado na favela São Remo, que apesar de ser localizada ao lado da universidade, possui características e problemas muito parecidos com o lugar de onde vim. Estar lá e ter essa proximidade com a comunidade nos deu a oportunidade de compreender e detectar as demandas que essa população possui, direcionando nosso trabalho. É nosso papel como profissionais da área da saúde nos mantermos atentos a essas necessidades, e usar de nossos conhecimentos para questionar e propor mudanças que vão impactar positivamente aquele contexto.

Há muito trabalho de base a ser feito, inclusive dentro da academia. Aprendemos medicina como se vivêssemos

num mundo ideal, sendo que a minha medicina veterinária começa quando vejo e tento explicar, para um cliente do *pet shop* do bairro, de forma acessível os diferentes preços de ração sendo que “é tudo igual, é tudo comida”. Não tem como eu jogar uma verdade que tá lá nos livros, se nem sei qual é o acesso que esse senhor tem à alimentação. E esse tato a gente não aprende na faculdade. Somos ótimos em aprender a curar doenças, mas ignoramos totalmente o contexto social e cultural em que aquele animal está inserido ao não enxergar além do indivíduo. Por exemplo, quando não questionamos o porquê que naquela região há muitos animais com leptospirose. Sabemos que é uma doença ocupacional em humanos, que envolve fatores ambientais e socioeconômicos, como enchentes, mau planejamento da ocupação urbana, destino inadequado de lixo... É muito mais cômodo pra gente curar o indivíduo e ignorar a raiz do problema.

É importante que tenhamos a sensibilidade e o senso crítico para reconhecer os reais problemas presentes naquele contexto e ter consciência da nossa responsabilidade perante a isso. Os serviços de saúde precisam investir na nossa educação permanente e incluir a população nesse processo, para que políticas públicas possam ser pensadas e empregadas. Ouço muito que a escolha pela veterinária é justamente para não lidar com pessoas. Essa é uma das maiores barbaridades que alguém, ainda mais dessa área, pode dizer. Exercer medicina é um ato político e ela deve ser vista como uma ciência política.

Estou em um mundo que não é o meu e quero levar o melhor dele para o meu mundo. É muito fácil se perder nessa bolha e sempre tenho que me agarrar nas razões que me fazem estar aqui dia após dia para não sucumbir:

Ver minha mãe sorrindo e orgulhosa toda vez que fala de mim pra alguém;

Levar o meu trabalho pra lugares onde ele não costuma chegar;

Olhar para as nossas crianças e ver futuro;

Nos dar voz, alternativas e possibilidades;

Nos dar a chance de sonhar, algo que muitas vezes é negado;

Nos ver superar todas as estatísticas;

Para quando eu completar o centenário da família no Parque São Rafael, ver um bairro totalmente diferente e que acredita em si.

Mãe, eu sempre voltarei pra casa!